

ENTRE
ARQUITETURAS,
CIDADES E
FEMINISMOS

PESQUISAS DO
OBSERVATÓRIO
AMAR.É.LINHA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Entre arquiteturas, cidades e feminismos [livro eletrônico] : pesquisas do observatório amar é linha / organização Carolina Pescatori, Maribel Aliaga. -- 1. ed. -- Brasília, DF : LaSUS FAU : Editora Universidade de Brasília, 2022.
PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-84854-05-5

1. Arquitetura 2. Cidades 3. Feminismo
4. Mulheres arquitetas 5. Mulheres - Aspectos sociais 6. Urbanismo I. Pescatori, Carolina.
II. Aliaga, Maribel.

22-122453

CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura 720

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ENTRE
ARQUITETURAS,
CIDADES E
FEMINISMOS

PESQUISAS DO
OBSERVATÓRIO
AMAR.É.LINHA

SUMÁRIO

7 Entre palácios e mulheres

Maribel Aliaga

16 Apresentação

Maribel Aliaga; Carolina Pescatori

21 Da cozinha para a rua

A afirmação da mulher como arquiteta

Luiza Rego Dias Coelho

parte 1
Teoria

41 Arquiteturas feministas

Ana Carolina Medeiros

**61 A arquitetura feminina
invisibilizada de Brasília**

*Apagamento das mulheres em
catálogos arquitetônicos*

Júlia Moreira

87 Senzala moderna

*A permanência dos “quartos de
empregada” em Brasília*

Sarah Gabrielle Lucena Silva

parte 2
Violência

105 Arquitetura de fronteir[a]

Mulheres entre Brasil/Venezuela

Júlia Coutinho; Ricardo Trevisan

125 Refugiadas urbanas

Design tático para repensar o trajeto das mulheres em situação de rua na Asa Norte de Brasília

Nádia Vilela

153 O acolhimento social da mulher indígena no Brasil e aspectos habitacionais

O caso de Dourados (MS)

Maitê Campos Vieira

parte 3
Pandemia

177 Cartografia da covid-19

A situação da classe das trabalhadoras domésticas no Distrito Federal

Lorrany da Silva Arcanjo

193 Mulheres na pandemia

Costuras sobre narrativas e números

Júlia Bianchi

parte 4
Perspectivas

215 Direito à cidade para mulheres:

Análise dos planos diretores do Distrito Federal

Sara Cristina de Carvalho Zampronha

247 Montando o Ferro's Bar

Reivindicando a memória lésbica no Brasil

Alyssa Volpini

278 Sobre as autoras

ARQUITETURAS FEMINISTAS

Ana Carolina Medeiros

RESUMO

Este trabalho aborda a trajetória feminina na arquitetura partindo da invisibilidade e da falta de espaço na área para mulheres, chegando às produções arquitetônicas feministas. Por meio de revisão bibliográfica e conceituação teórica, são explorados o impacto de uma profissão convencional pautada em profissionais masculinos, o não reconhecimento do trabalho de arquitetas e a falta — e conseqüente necessidade — do olhar feminista. Objetiva-se compreender de quais formas se dão as abordagens feministas no ofício da arquitetura e suas contribuições para o espaço construído. Como exemplos de abordagens feministas na arquitetura, são apresentadas as obras de Franziska Ullmann, Susana Torre e Lori Brown.

PALAVRAS-CHAVE

arquitetura feminista; abordagem; prática; convencional; paradigma.

INTRODUÇÃO

A trajetória profissional de mulheres como arquitetas e urbanistas é relativamente recente. O seu acesso à graduação aconteceu entre o fim do século XIX e meados do século XX. O ingresso era dificultado pelas instituições de ensino que consideravam as mulheres inaptas para a área da construção, ideia fortalecida pela associação da figura feminina ao trabalho e ao espaço domésticos¹. Já aquelas que conseguiam passar pela barreira da educação, tinham dificuldades em se inserir no mercado de trabalho.

No século XX, as mulheres aproveitavam tempos de depressão econômica ou guerra para ocupar o mercado de trabalho, enquanto homens migravam para o serviço militar ou outras áreas em que a remuneração fosse maior². Submetidas a salários reduzidos, eram dispensadas quando os homens arquitetos retornavam à profissão.

As posições de prestígio vinham por meio de parcerias com colegas homens. Em alguns casos, como com Lilly Reich, com Ludwig Mies Van der Rohe, e Charlotte Perriand e Eileen Gray, com Le Corbusier, arquitetas à sombra dos grandes mestres modernistas, o reconhecimento nem mesmo acontecia.

O *Pritzker*³, considerado o maior prêmio em arquitetura, foi atribuído a uma arquiteta apenas em 2004, com Zaha Hadid, única mulher que ganhou desacompanhada de um homem até hoje. Somente 6 mulheres foram premiadas em 43 anos, sendo que 3 delas ganharam o prêmio participando de equipes com arquitetos homens.

Atualmente, as arquiteturas que conhecemos e estudamos nos cursos e universidades são, em sua maioria, formadas por concepções masculinas. A invisibilidade feminina na profissão é alarmante, com pouca representatividade de projetos feitos por mulheres sendo estudados na academia.

Tendo em vista a desigualdade de gênero que permeia a profissão, seria natural propor um ensaio teórico que fizesse um apanhado sobre as produções de arquitetas. Entretanto, este ensaio teórico visa a um passo a mais: investigar as produções feministas na arquitetura.

Feministas, pois, primeiramente, dividir o modo de projetar entre feminino e masculino seria ilógico: ao se analisar uma obra arquitetônica, sem antes saber quem a projetou, não há como

1. STRATIGAKOS, Despina. *Where Are the Women Architects?* (2016).

2. COELHO, Luíza Rego Dias. **Da cozinha para a rua (1880-2014): A afirmação da mulher como arquiteta** (2015).

3. O *Pritzker*, premiação anual estabelecida pela família *Pritzker* em 1979, nos EUA, tem como objetivo honrar um ou mais arquitetos vivos em função de seus projetos construídos como forma de impulsionar a profissão. O prêmio consiste em uma medalha de bronze e 100 mil dólares.

4. LIMA, Ana
Gabriela Godinho.
**Gênero e Processo
de Projeto** (2017).

5. O termo mais
utilizado para
definir a ideia
da arquitetura
pensada pelo
olhar masculino
é *mainstream*;
uma tradução
sugerida que será
utilizada neste
ensaio é a palavra
convencional.

6. STRATIGAKOS,
Despina. *Where
Are the Women
Architects?* (2016).

7. Idem.

8. Em inglês,
o substantivo
architect não
possui flexão
de gênero; daí
a ideia de que
women architect,
pois usualmente
architect se referia
a um profissional
homem, quando
deveria se referir
a um profissional
sem gênero
expresso no
substantivo.

distinguir se foi homem ou mulher⁴. Segundo, porque percebe-se uma urgência para a elucidação das abordagens teóricas e das práticas projetuais feministas.

Assim, o presente trabalho propõe-se a investigar as abordagens feministas na arquitetura e no urbanismo por meio de um olhar histórico, analisando o ensino e a produção arquitetônica pautados por um convencional⁵ excludente. Busca-se compreender a ausência de questões feministas na arquitetura e quais são as práticas das profissionais que percebem a necessidade de um projetar voltado para a inclusão das mulheres nos espaços.

1. O CONVENCIONAL DA PROFISSÃO E O IMPACTO NA EDUCAÇÃO E NOS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS

A arquitetura foi, por muitos séculos, uma atividade dominada exclusivamente por homens. Apenas no final do século XIX, as mulheres conseguiram começar a se inserir no campo profissional, quando algumas universidades passaram a aceitar alunas. Porém, serem graduadas em arquitetura não garantiu espaço no mercado de trabalho: a figura da mulher foi historicamente⁶ associada ao trabalho doméstico, fazendo com que muitos duvidassem da capacidade feminina de exercer a profissão de arquiteta e diversas outras consideradas inadequadas para mulheres.

Em 1902, Thomas Raggle Davison escreveu um artigo intitulado “*May Women Practice Architecture?*”, em que ele conclui que para o bem das mulheres e da arquitetura, é melhor que não haja “mulheres arquitetas”. Em seu entendimento, o maior problema era que as mulheres eram não tinham o temperamento qualificado desqualificadas para a profissão, pois faltavam nelas qualidades como firmeza e critérios para praticarem a boa arquitetura⁷. Nessa época, era comum o termo *women architecture*⁸, que diferenciava o profissional arquiteto da profissional “mulher arquiteta”, evidenciando a clara diferença de gênero presente na profissão.

Os obstáculos que as mulheres tinham de vencer para praticar a profissão eram inúmeros. Políticas acadêmicas que dificultavam o acesso às universidades, associações profissionais que só admitiam profissionais homens, escritórios que só contratavam arquitetos homens e, quando contratadas, salários reduzidos para elas. Conquistar espaço em um meio tão dominado pela figura masculina foi e é um grande desafio.

Uma das maneiras que as mulheres encontraram para conseguir participar da esfera da arquitetura foi através do doméstico. Aquilo que funcionava como “a prisão do gênero” serviu também como ponto de partida para que elas pudessem opinar e formular propostas sobre a habitação. O domínio do espaço público era declaradamente do homem, enquanto o domínio das mulheres era o privado — mais especificamente, o lar⁹.

Outra forma de se inserir no campo da arquitetura era por meio de parcerias com arquitetos homens. Ser coautora de um projeto era uma forma de extrapolar a arquitetura doméstica, projetando edifícios, pontes e obras de maior porte. Entretanto, nem sempre o trabalho era creditado. Um fenômeno comum e já conhecido pelos estudos feministas era a abreviação do nome das arquitetas seguido de seu sobrenome, suprimindo o gênero das projetistas, como é o caso de Alicia Gazzaniga, coautora da Biblioteca de Buenos Aires¹⁰.

A parceria de Charlotte Perriand, Le Corbusier e Pierre Jeanneret de 1927 a 1937 resultou na série de mobiliários LC. Quando foram patenteados pela primeira vez, a autoria era na seguinte ordem: Charlotte Perriand, Pierre Jeanneret e Le Corbusier. Ao ser repassada para a marca italiana Cassina, Le Corbusier vem como primeiro autor, e Charlotte, como última. Na seguinte negociação com a marca, o nome dela não aparece¹¹, exemplificando a falta de reconhecimento. Atualmente, os nomes de Charlotte e Pierre aparecem na patente, porém, o protagonismo continua atribuído a Le Corbusier.

As parcerias entre arquitetos e arquitetas eram formas de validar a participação feminina no processo projetual¹², um método das arquitetas para terem seus trabalhos reconhecidos. O que faltava a elas era o reconhecimento. A consequência primária era a invisibilidade, resultando em muitos projetos que não seriam divulgados, bem como os nomes das arquitetas.

Invisíveis, seus projetos não eram referências para estudantes de arquitetura, contribuindo com o convencional que exaltava arquitetos homens e não dava o reconhecimento devido às profissionais mulheres. O convencional da profissão também tende a privilegiar grandes obras¹³ — edifícios em altura, pontes, edifícios do governo —, sendo que as tipologias mais acessíveis às arquitetas eram as residenciais, contribuindo com essa invisibilidade.

9. ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil. **A arquitetura nunca mais será a mesma. Considerações sobre gênero e espaço(s)** (2016).

Disponível em:



Acesso em: 24 ago. 2018

10. SEMINÁRIO INTERNACIONAL ONDE ESTÃO AS MULHERES ARQUITETAS? (2017).

11. ADAME, Telmi; RUBINO, Silvana; SANTORO, Paula. **Arquitetura e a Questão de Gênero: A mulher na Arquitetura e na Cidade** (2015).

Disponível em:



Acesso em: 20 ago. 2018

12. COELHO, Luiza Rego Dias. **Da cozinha para a rua (1880-2014): A afirmação da mulher como arquiteta** (2015).

13. MONTEIRO,
Paula. **Mulheres
Invisíveis.
Princípios para
uma reconstrução
do discurso em
Arquitetura**
(2016).

Disponível em:



Acesso em: 24
ago. 2018

O impacto do convencional é significativo. Nas escolas de arquitetura, a maioria das obras referências nas salas de aula são projetos feitos por arquitetos homens, que se tornam embasamentos para os projetos dos estudantes. Os grandes mestres modernistas são homens. Os poucos nomes femininos citados nas faculdades são os de Lina Bo Bardi, Denise Scott Brown e Zaha Hadid.

A presença feminina na arquitetura começa a mudar a partir da década de 1960, em que há um aumento no número de mulheres tanto em faculdades como nos campos profissionais — fenômeno diretamente relacionado aos movimentos da segunda onda feminista.

Contudo, o grande avanço das arquitetas aconteceu na década de 1990, após o forte aumento de mulheres no corpo docente das universidades a partir da década de 60. Essas arquitetas, já formadas, expõem seus olhares sobre a desigualdade no campo da arquitetura e urbanismo por meio de publicações.

“*Sexuality and Space*”, de Beatriz Colomina (1992), “*The Sex of Architecture*”, de Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Kanes Weisman (1996), “*The Architect, Reconstructing Her Practice*”, de Francesca Hughes (1996) e “*Architecture and Feminism*”, de Debra Coleman, Elizabeth Danze e Carol Henderson (1997) são exemplos de publicações que denunciam o controle da arquitetura e o domínio dos espaços por homens, além da desigualdade de gênero.

Esses livros, assim como muitos outros publicados na década de 90, são coletâneas de textos que mostram o prejuízo nos espaços e na arquitetura devido à concentração da produção em mentes masculinas, que tomavam sua experiência como universal. Porém, esse universal excluiu mulheres — tanto como usuárias quanto como arquitetas.

2. A AUSÊNCIA DO FEMINISMO NA ARQUITETURA — E A SUA NECESSIDADE

A ideia de gênero parte do princípio de que feminino e masculino são construções sociais de condutas a serem adotadas por mulheres ou homens¹⁴. Assim, determinadas características são tidas como femininas, outras como masculinas, fazendo uma

14. GARCIA,
Carla Cristina.
**Breve História do
Feminismo** (2015).

divisão de identidades, competências, e até mesmo de direitos e deveres. Entretanto, as experiências masculinas são tomadas como universais — tanto que usualmente a espécie humana é reduzida ao termo o homem. Em “O Segundo Sexo” (1949), Simone de Beauvoir denuncia: “o homem representa a um tempo o positivo e o neutro a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos”. Isso é o androcentrismo, ideia de atribuir ao homem a noção de universalidade, excluindo e ignorando a experiência das mulheres.

O discurso androcêntrico faz uso da arquitetura como sua aliada. Extremamente vinculado à manutenção do patriarcado¹⁵, sua manifestação arquitetônica mais conhecida é a atribuição do lar como espaço feminino. A casa é utilizada como tipologia de domesticação da mulher, forma de mantê-la em domínio privado. Esse controle é tido pelo homem, que habita todos os espaços livremente, tanto os privados quanto os públicos¹⁶.

No texto “*Untitled: The Housing of Gender*”¹⁷, Mark Wigley expõe a presença de distinções de gênero nos mais variáveis níveis do discurso de arquitetura. Ele cita “*De re aedificatoria*”, tratado arquitetônico escrito por Alberti no século XV, em que o autor reflete sobre o lugar da mulher na casa, sugerindo lugares dedicados à religião e à castidade para elas. Ele entende a casa como ferramenta de ordem, de modo que, para funcionar, as mulheres devem se localizar na porção mais interior, especialmente as mais jovens; enquanto isso, os homens podem se localizar mais perto do vestíbulo e do quarto de hóspedes.

Um exemplo mais recente da aplicação do homem como medida universal pode ser encontrado na obra de Le Corbusier. O modernista propôs em 1948 um novo sistema de proporções denominado Modulor, revisto em 1957 (Modulor II), em que ele busca “uma medida harmônica para a escala humana, universalmente aplicável à arquitetura e mecanismos” (CORBUSIER *apud* CURTIS, 1986). Ele apresenta o Modulor como um homem de 6 pés de altura (aproximadamente 1,83m), que, com o braço levantado, chega a 2,26m. A ergonomia é proposta para esse corpo, que deveria pautar o padrão a ser reproduzido em larga escala em mobília¹⁸. O arquiteto desconsiderou uma possível versão feminina do Modulor, excluindo de seu projetar a ergonomia pensada também para as mulheres.

É diante desse tipo de cenário de dominação masculina que surge o feminismo, termo utilizado a partir de 1911, definido como

15. No livro “**Feminismo e Consciência de Classe**”, de Mirla Cisne, ela define patriarcado como: “a dominação do pai sobre a mulher e sobre os(as) filhos(as) estabelece as bases para o que chamamos de patriarcado”. Segundo Christine Delphy (2009b, p. 174), “patriarcado vem da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arke* (origem e comando). [...] Portanto, o patriarcado é literalmente a autoridade do pai”. De acordo com Delphy (2009b, p. 171), na acepção feminista, o patriarcado “designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres”.

16. WIGLEY, Mark. *Untitled: The Housing of Gender* (1992).

17. Idem.

18. CURTIS, William J. R. *Le Corbusier: Ideas and Forms* (1986).

tomada de consciência da condição opressora, filosofia política e movimento social que busca a igualdade entre homens e mulheres. Seu grande objetivo é acabar com a forma de organização social ditada pelo patriarcado¹⁹.

19. GARCIA,
Carla Cristina.
**Breve História do
Feminismo** (2015).

Aplicado à arquitetura, pode-se compreender o feminismo inicialmente como uma forma de quebrar o paradigma do convencional da profissão, ou seja, reconhecer e visibilizar a contribuição de projetistas mulheres. Contudo, é necessário pensar também no projeto arquitetônico. O feminismo pode ser lido na arquitetura como forma de pensar o espaço com o objetivo de alcançar a igualdade nas experiências de corpos femininos e masculinos²⁰.

20. MUXI, Zaida. **A
cidade próxima:
o urbanismo sem
gênero** (2014).

Contudo, o paradigma a ser quebrado está extremamente consolidado dentro das faculdades de arquitetura e reproduzidos nos escritórios. Os estudantes têm como principais referências profissionais homens brancos, estadunidenses ou europeus, que concebem projetos tidos como universais — dentro do padrão do parcial masculino que é tomado como universal. Ao projetar, esses estudantes, por vezes, buscam replicar esse modelo, suprimindo questões de raça, gênero, classe e cultura local²¹. Como então esses estudantes irão projetar soluções sensíveis para espaços plurais e para seus públicos diversos?

21. WEISMAN,
Leslie Kanes.
**Diversity By
Design: Feminist
Reflections on
The Future of
Architectural
Education and
Practice** (2011).

A solução parece estar contida na educação. Os icônicos modelos universais arquitetônicos cristalizados pelos modernistas devem ser ensinados, mas com uma leitura crítica, com o objetivo de perceber que o universal proposto não foi alcançado. Além disso, é necessário também resgatar contribuições esquecidas em função do convencional.

Em “*Room at the top? Sexism and the Star System in Architecture*” (1989), Denise Scott Brown revela episódios de discriminação em sua carreira enquanto arquiteta. Quando Robert Venturi, seu marido e colega, se consolidou como guru da arquitetura, muitos trabalhos que eram colaborações entre os dois foram atribuídos apenas a ele, chegando até mesmo ao ponto em que Venturi teve de adicionar uma nota no início do livro “*Learning From Las Vegas*” (1972), pedindo que as ideias contidas na publicação não fossem atribuídas somente a ele, explicando a colaboração entre Denise e ele e a importância do trabalho dela.

Ainda nessa dissertação, Denise discorre sobre a necessidade do movimento feminista: “Ao perceber seus colegas homens alcançando cada vez mais o sucesso, as mulheres que não têm

uma consciência feminista provavelmente sentirão que sua incapacidade de alcançar o mesmo patamar deles é culpa delas mesmas²². Alcançar posições de prestígio e ascender na profissão se torna mais difícil ao passo que muitos acreditam que as tarefas delegadas ao profissional seriam de muita responsabilidade para uma mulher.

A partir da percepção de que o modelo e o convencional da profissão propagam um sistema falho e exclusivo de arquitetura, a busca lógica é por um novo modelo aplicável. O modelo sugerido é um que busque a reconceitualização dos valores²³ aplicados ao projeto, o compromisso com todos os possíveis usuários do espaço, com sua segurança, conforto e acessibilidade, consciente da responsabilidade e do impacto da arquitetura. Essa é a forma de projetar feminista que, no entanto, não precisa estar focada no feminino. Não há necessidade de uma nova busca pelo parcial, e sim de uma busca pelo total.

A interdisciplinaridade pode ser uma ferramenta para a produção desse novo modelo. Aumentar os limites da arquitetura é uma forma de considerar seu papel político, social e material, de forma a produzir uma reconfiguração do modelo prático a ser aplicado no projeto. É perceber a qualidade que se obtém ao cruzar áreas do conhecimento como feminismo e arquitetura, oferecendo uma alternativa feminista à prática convencional.

Assim, torna-se imprescindível compreender como se dá a prática feminista na arquitetura, quais são suas abordagens, como o tema sai da manifestação teórica e se cristaliza na prática, materializando o discurso no espaço construído.

3. ABORDAGENS E PRÁTICAS FEMINISTAS NA ARQUITETURA

As abordagens feministas na arquitetura estão presentes de diversas formas. Através do trabalho de coletivos, como *muf*, que soluciona questões arquitetônicas por meio de objetos que permeiam arte e arquitetura; *ArchiteXX* e suas publicações reconhecendo o trabalho de inúmeras arquitetas, bem como encontros entre arquitetas sobre suas diversas formas de práticas feministas; e *FATALE*, um coletivo sueco que pesquisa teorias e práticas feministas e seus efeitos no ambiente construído.

Além dos coletivos, diversas publicações que reúnem coletâneas de textos sobre diferentes olhares que se tem da arquitetura,

22. Idem.

23. BROWN, Lori (Org.). *Feminist Practices: Interdisciplinary Approaches to Women in Architecture* (2011).

como “*The Architect — Reconstructing Her Practice, Architecture: A Womans Profession e Feminist Practices*” (1998), além de livros que denunciam espaços e públicos esquecidos pelo discurso teórico da arquitetura convencional, como “*White Papers, Black Marks: Architecture, Race, Culture*” (2000), que explora condições de raça e identidade; e “*Contested Spaces: Abortion Clinics, Women’s Shelters and Hospitals*” (2013), em que Lori Brown reflete sobre espaços não convencionais.

Outras abordagens envolvem resgatar a história e presença de mulheres cuja participação na área foi de extremo valor, contudo, não reconhecidas. É o caso do coletivo Arquitetas Invisíveis e de seu trabalho através de publicações periódicas e exposições que relembram a importância do trabalho de várias arquitetas; e é também o caso da exposição “*Women in American Architecture. A Historic and Contemporary Perspective*” (1977), de Susana Torre, que se tornou um livro.

A seguir, serão melhores exploradas as diversas contribuições feministas de três arquitetas: Franziska Ullmann, Susana Torre e Lori Brown.

3.1. FRANZISKA ULLMANN

Franziska Ullmann é uma arquiteta austríaca, formada em 1975 em Viena. Suas obras construídas possuem formas resolvidas com conceitos e geometrias simples. Ela será apresentada em virtude de seu trabalho para o concurso do Conjunto Habitacional Margarette Schutte Lihotzky, também conhecido como *Frauen-Werk-Stadt I*.

No início da década de 1990, o Instituto da Mulher da prefeitura de Viena fez uma análise da produção de moradias públicas da cidade e constatou a ausência de soluções propostas por arquitetas. Dirigido por Eva Kalil, percebeu-se a oportunidade para um concurso público. A proposta a ser desenvolvida era um plano urbano que solucionasse condições habitacionais pensadas para mulheres, buscando facilitar questões da vida cotidiana feminina²⁴.

Os objetivos do concurso eram dois: solucionar a ausência de profissionais mulheres no planejamento urbano e habitacional e alinhar a arquitetura local às demandas da mulher contemporânea. Notou-se uma grande mudança no papel social da

24. MUXI, Zaida. *A cidade próxima: o urbanismo sem gênero* (2014).

mulher, inicialmente dona de casa e mãe, que passa também a ser trabalhadora fora do doméstico. Contudo, notou-se também que a arquitetura não acompanhou esse avanço. O principal critério para a avaliação das propostas foi a inclusão das múltiplas facetas da mulher. Com esse concurso, observa-se que o manifesto teórico feminista pode sair da teoria e ser convertido em prática por meio de um arranjo espacial que solucionasse questões de gênero ainda não consideradas na arquitetura.

O plano urbano vencedor foi o de Franziska Ullmann e o conjunto habitacional foi dividido entre ela e mais três arquitetas participantes: Gisela Podreka, Elsa Prochazka e Liselotte Peretti, com um edifício para cada arquiteta.

Inicialmente, a proposta era de um bairro exclusivamente de uso residencial. Entretanto, Franziska percebeu que o uso residencial não era facilitador da vida atribulada das mulheres. Considerando especialmente os fluxos desempenhados por uma mãe na cidade, ela percebeu a necessidade de mercado, comércio, escola e creche no bairro — entende-se que muitas mulheres são responsáveis por levar os filhos à escola, fazer as compras da casa, trabalhar, buscar os filhos na escola, cuidar do lar etc. Assim, ela solicitou uma mudança no regulamento do uso do solo, sugerindo o uso misto, que foi acatado pelo júri e pela prefeitura.

O projeto urbano era constituído por 4 blocos residenciais, creche, praça, espaços cobertos para lazer, *playground*, áreas de lazer para jovens, comércio e delegacia. Os locais para adolescentes estavam mais próximos à rua e possuíam área para jogos; os espaços para idosos se encontravam em áreas mais tranquilas e silenciosas; os espaços de brincadeiras para crianças menores eram mais resguardados e longe da rua, buscando segurança e visibilidade a partir das janelas das cozinhas. A ideia era que os pais pudessem ver a criança da janela do apartamento, conciliando as atividades domésticas com a vigia de seus filhos em momentos de lazer²⁵. A cozinha, inclusive, era um elemento central dos apartamentos e sempre integrada com a sala, uma forma de não excluir as mães que passam longas jornadas envolvidas no trabalho doméstico do convívio familiar.

25. CORADIN, Renata. **Arquitetura e Gênero. Três projetos em Viena.** (2016).

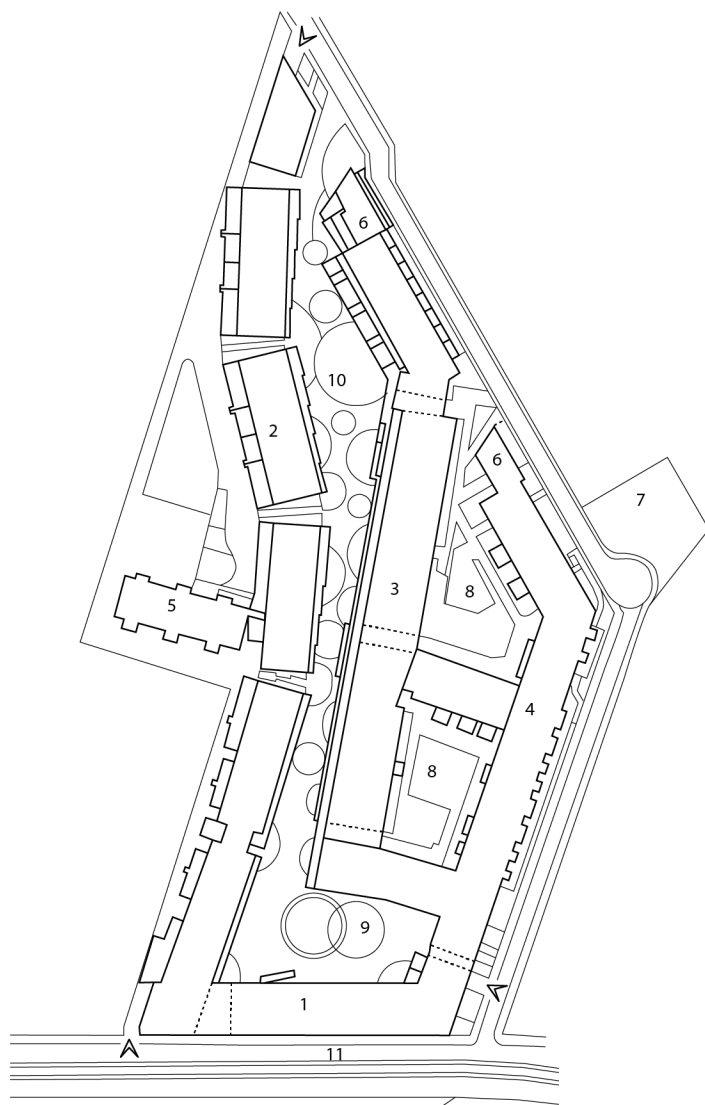


Figura 1

Planta
esquemática do
projeto urbano
desenvolvido
para o *Frauen-
Werk-Stadt I*.

Fonte: Elaborada
pela autora.

LEGENDA:

- 1 EDIFÍCIO FRANZISKA ULLMANN | 2 EDIFÍCIO ELSA PROCHAZKA
3 EDIFÍCIO GISELA PODREKA | 4 EDIFÍCIO LISELOTTE PERETTI | 5 CRECHE
6 ESPAÇOS COBERTOS PARA LAZER | 7 ÁREAS DE LAZER PARA JOVENS | 8 PLAYGROUND
9 PRAÇA CENTRAL | 10 VIA VERDE | 11 TRANVIA
A ENTRADA DOS ESTACIONAMENTOS



Figura 2

Diversidade de plantas alcançada com a proposta do bloco residencial de Franziska Ullmann.

Fonte: Elaborada pela autora.

O grande trunfo do projeto estava, também, na “variedade de tipologias com máxima flexibilidade de uso”. Franziska Ullmann usou a ideia de Jane Jacobs de *social eyes* — janelas e varandas com visuais para os espaços comunitários, permitindo uma vigilância e transparência que tinha como resultado a segurança das pessoas. Ela também considerou alternâncias de tipologias em fachadas, consequentemente, não havia uma fachada tipicamente noturna ou diurna, e sim fachadas vivas²⁶.

O projeto foi um sucesso. De 1993 a 1997, foram construídos os edifícios com cerca de 350 unidades residenciais e 1.000 moradores no total. O *Frauen-Werk-Stadt I* provou ser tão eficiente ao ponto de serem elaborados mais dois conjuntos habitacionais seguindo os mesmos princípios, os *Frauen-Werk-Stadt II* e *III*²⁷.

3.2. SUSANA TORRE

Nascida em 1944 em Puan, Buenos Aires, Susana Torre estudou arquitetura e planejamento na Argentina, formando-se em 1968. No ano seguinte, ingressou na pós-graduação em Columbia, Nova

26. Idem.

27. Prefeitura de Viena. *Alltags – und Frauengerechter Wohnbau*.

Disponível em:



Acesso em: 11 nov. 2018

York, onde se estabeleceu. Em 1971, foi uma das cofundadoras do Arquivo das Mulheres na Arquitetura, projeto da Liga de Arquitetura de Nova York, o que guiou seu interesse para a relação das mulheres no espaço²⁸.

28. TORRE,
Susana. *Making
room for women*.

Disponível em:



Acesso em: 12
nov. 2018

29. Idem

Propôs-se a melhorar a situação da mulher na arquitetura por meio da percepção de como usuários ocupam o espaço e como os espaços reproduzem papéis definidos por gênero. Seu objetivo era quebrar os estereótipos de gênero através de projetos inovadores, pensados a partir das necessidades das mulheres, gerando espaços em que convivem homens, mulheres, jovens, idosos e crianças de forma democrática²⁹.

Em 1977, fez a exposição denominada “*Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*”, no *Brooklyn Museum*, em Nova York. Seu interesse era resgatar as contribuições de mulheres esquecidas ou rejeitadas pela profissão tipicamente masculina e mostrar a diversidade e a qualidade de seus trabalhos. A exposição foi organizada na forma de pranchetas, similar a um atelier de arquitetura, em que as pranchas mostravam as arquitetas e seus projetos. Susana Torre dividiu o conteúdo em três partes: *designers* e teóricas de ambientes domésticos; profissionais arquitetas mulheres; e edifícios feitos por mulheres³⁰. A exposição foi um sucesso, e resultou em um livro homônimo e conseqüentemente em uma persistente urgência pela adequação de seus espaços projetados às necessidades das mulheres.

30. TORRE,
Susana. *Women
in american
architecture*.

Disponível em:



Acesso em: 12
nov. 2018

Nesse âmbito, seu projeto mais reconhecido é o “*Fire Station Five*”, um posto de bombeiros pensado para as mulheres que desempenham essa profissão. O complexo de bombeiros foi requisitado pela prefeita da cidade de Columbus, percebendo que a profissão era tipicamente masculina e que as poucas mulheres que entravam para o corpo de bombeiros dificilmente ficavam por muito tempo no ofício.

Susana Torre, então, estudou alguns projetos de postos de bombeiros. Sua conclusão foi a de que os espaços onde os funcionários se socializavam eram os dormitórios ou os vestiários, espaços nos quais a presença das poucas mulheres era inadequada ou rejeitada. Contudo, é de extrema importância a socialização entre esses profissionais, visto que é fundamental a construção de confiança em profissões que lidam com situações de risco de vida.

A solução apresentada foi associar espaços de convívio à cozinha e ao ginásio, acabando com os dormitórios coletivos

e substituindo-os por quartos individuais. Para assegurar que o número de profissionais mulheres fosse equivalente ao de profissionais homens, a arquiteta criou uma simetria na planta do edifício, resolvendo o aparato técnico da profissão em um dos lados e destinando o outro para os aposentos dos funcionários — o número de quartos para homens é propositalmente igual ao de quartos para mulheres, ambos localizados no primeiro andar³¹.

3.3. LORI BROWN

Lori Brown faz parte do corpo docente da Escola de Arquitetura da Universidade de Syracuse (Nova York) desde 2001. A partir do início de sua carreira docente, percebeu que, no início da faculdade de arquitetura, as turmas eram compostas por aproximadamente 50% de estudantes homens e 50% de estudantes mulheres, mas, no último ano, o número de estudantes mulheres caía 17%³². A arquiteta e professora parte do pressuposto de que a arquitetura não é um campo diverso o suficiente.

Na introdução de seu livro *“Feminist Practices: Interdisciplinary Approaches to Women in Architecture”* (2016), ela cita um dado do *“American Institute of Architects”*: apenas 13,3% dos arquitetos atuantes nos Estados Unidos da América são mulheres. A partir desses dados, Lori Brown busca entrelaçar diversas áreas à arquitetura e ao ensino de arquitetura na Universidade de Syracuse, tais como artes, geografia, estudos sobre mulheres e políticas públicas e ciências sociais. A ideia é que a intersecção dessas áreas de estudo pode levar a uma esfera feminista dentro da arquitetura.

A arquiteta também é uma das cofundadoras do coletivo ArchiteXX, coletivo com a missão de transformar a profissão e buscar a equidade de gênero por meio de conexões entre o acadêmico e o prático, aumentando a visibilidade da diversidade na profissão e valorizando o trabalho de arquitetas³³. Os focos são publicações sobre os trabalhos de arquitetas da atualidade com ênfase no impacto dos projetos e nas práticas profissionais e eventos que despertem o ativismo feminista no campo da arquitetura, dentro e fora das universidades.

Uma das ações mais emblemáticas do ArchiteXX foi *“Private Choices Public Spaces”*, uma chamada de soluções projetuais para a cerca da última clínica de aborto no Mississippi, *Jackson Women’s*

31. TORRE, Susana. *Fire station five*.

Disponível em:



Acesso em: 12 nov. 2018

32. BROWN, Lori (Org.). *Feminist Practices: Interdisciplinary Approaches to Women in Architecture* (2011).

33. O coletivo ArchiteXX se apresenta e aponta seus objetivos dessa maneira, como descrito na página da web:



Acesso em: 10 nov. 2018

Health Organization. Acessar a clínica se torna uma tarefa difícil em função dos protestos que acontecem diariamente na rua, a partir das 7 horas da manhã. Para resolver a questão de segurança e de assédio que as 200 pacientes mensais enfrentam na zona de protesto e na área pública antes de entrar na clínica, foi feita uma chamada para ideias de *design*, em vez de um concurso tradicional de arquitetura³⁴. Embasando-se na ideia de conscientizar o papel do *design* aplicado em políticas públicas, o objetivo era solucionar o espaço pessoal e social da clínica, assim como as áreas de acesso, prezando pela privacidade das pacientes, mas ainda possibilitando as zonas de protesto.

34. BROWN, Lori.
*Private Choices,
Public Spaces.
Field notes from
Mississippi's
last remaining
abortion clinic.*
(2016).

Disponível em:



Acesso em: 10
nov. 2018

35. Idem.

Private Choices Public Spaces ganhou uma instalação na 5ª Avenida, em Nova York, na “*The Arnold and Sheila Aronson Galleries at Parson’s The New School for Design*”³⁵. Cabos de aço delimitavam o espaço de uma mesa e cadeiras, para debates sobre uma possível solução para a cerca da *Jackson’s Women’s Health Organization*. Nesses cabos de aço, ficavam clipados cartões postais para que visitantes pudessem sugerir soluções, bem como cartões com algumas das soluções já sugeridas. Entretanto, a renovação da cerca e da área de acesso da clínica ainda não fora realizada.

Sua contribuição e abordagem acontece principalmente por meio de suas publicações. A primeira, feita em 2011, é o livro “*Feminist Practices: Interdisciplinary Approaches to Women in Architecture*”, uma coletânea de textos dividida entre práticas arquitetônicas nas áreas do *design*, da pedagogia, da pesquisa e das comunidades. Entre as colaboradoras, estão Despina Stratigakos, Jane Rendell e o coletivo muf. O objetivo do livro é desvendar como podem ser aplicadas metodologias feministas em ambientes construídos. De 2007 a 2009, o conteúdo do livro era uma exposição itinerante pelos Estados Unidos e Austrália.

Outra publicação de Lori Brown é “*Contested Spaces: Abortion Clinics, Women’s Shelters and Hospitals*”, de 2013. O livro é uma investigação sobre o efeito da legislação americana em espaços como hospitais, clínicas de aborto e abrigos para mulheres — espaços necessários, porém, controversos, especialmente no caso das clínicas de aborto por suas conexões com o espaço público — acessos comprometidos por zonas de protesto.

CONCLUSÃO

As mulheres conquistaram espaço na arquitetura saindo do domínio do privado, mais especificamente da casa, e chegando a espaços públicos estruturalmente associados ao masculino. Todos os espaços ganham com a diversidade de seus usuários, porém, alguns parecem necessitar mais de um urgente olhar feminista. A agenda feminista da arquitetura deve olhar com atenção demandas por locais como abrigos para mulheres, órfãos e comunidade LGBTQIA+, núcleos de atendimento à mulher (social e psicológico), delegacias para mulheres, centros de acolhimento para imigrantes, clínicas de aborto. É indispensável pensar espaços que fogem do convencional, mas são de vital importância.

Como pudemos ver, as contribuições feministas à arquitetura têm muito a acrescentar aos espaços construídos. Abordagens teóricas em publicações reforçam o discurso feminista na arquitetura e norteiam a prática a ser aplicada em soluções projetuais que definam projetos sensíveis às questões de gênero. A meu ver, projetos feministas são aqueles que percebem a relação dos diferentes corpos com o espaço construído e se tornam acessíveis e possíveis a todos. A arquitetura pautada no feminismo é a arquitetura humana, uma resposta ao androcentrismo e à falsa ideia de universal cristalizada pelo convencional da profissão.

REFERÊNCIAS

ADAME, Telmi; RUBINO, Silvana; SANTORO, Paula. **Arquitetura e a Questão de Gênero: A mulher na Arquitetura e na Cidade.** *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE ARQUITETOS, 2015, São Paulo. SASP, 2015. Disponível em: youtu.be/za4Bvx4J2mA. Acesso em: 20 ago. 2018.

AGREST, Diana, CONWAY, Patricia, WEISMAN, Leslie Kanes (Org.). **The Sex of Architecture.** 1. ed. Nova York: Harry N. Abrams, 1996.

ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil. A arquitetura nunca mais será a mesma. Considerações sobre gênero e espaço(s). **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade,** Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 2-23, out. 2016. ISSN 1982-0569. Disponível em: periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642600. Acesso em: 24 ago. 2018. DOI: doi.org/10.20396/urbana.v7i2.8642600.

ARCHITEXX: We Ask How Not Y. Disponível em: www.architexx.org/about. Acesso em: 10 nov. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

BROWN, Denise Scott. Room at the top? Sexism and the Star System in Architecture. *In*: BERKELEY, Ellen Perry; MCQUAID, Matilda (Org.). **Architecture: A Place for Women.** 1. ed. Washington, Smithsonian Institution Press, 1989. p. 237-246.

BROWN, Lori. Private Choices, Public Spaces. Field notes from Mississippi's last remaining abortion clinic. **ARPA Journal**, mai. 2016. Disponível em: www.arpajournal.net/privatechoices-publicspaces. Acesso em: 10 nov. 2018.

BROWN, Lori (Org.). **Feminist Practices: Interdisciplinary Approaches to Women in Architecture.** 1. ed. Nova York: Ashgate, 2011.

COELHO, Luiza Rego Dias. **Da cozinha para a rua (1880-2014): A afirmação da mulher como arquiteta.** 2015. Ensaio Teórico (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

COLOMINA, Beatriz (Org.). **Sexuality and Space**. 1. ed. New Jersey: Princeton Architectural Press, 1992.

COLOMINA, Beatriz. Battle Lines: E1027. *In*: HUGHES, Francesca (Org.). **The Architect: Reconstructing Her Practice**. Cambridge, The MIT Press, 1998.

CORADIN, Renata. **Arquitetura e Gênero**. Três projetos em Viena. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo.

CURTIS, William J. R. **Le Corbusier: Ideas and Forms**. 1. ed. Londres: Phaidon, 1986.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3. ed. São Paulo: Claridade, 2015.

Intellectuals and power: A conversation between Michel Foucault and Gilles Deleuze. Disponível em: libcom.org/library/intellectuals-power-a-conversation-between-michel-foucault-and-gilles-deleuze. Acesso em: 13 nov. 2018.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. Gênero e Processo de Projeto. **Monolito: Mulheres Arquitetas**, São Paulo, n.36, p. 48-51, 2017.

KULLACK, Tanja (Org.). **Architecture: A Woman's Profession**. 1. ed. Berlim: Jovis, 2011.

MONTEIRO, Paula. Mulheres Invisíveis. Princípios para uma reconstrução do discurso em Arquitetura. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 55-64, out. 2016. ISSN 1982-0569. Disponível em: periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642604. Acesso em: 24 ago. 2018. DOI: doi.org/10.20396/urbana.v7i2.8642604.

MOORE, Rowan. Eileen Gray's E1027 — Review. **The Guardian**, Londres, 30 jun 2013. Disponível em: www.theguardian.com/artanddesign/2013/jun/30/eileen-gray-e1027-corbusier-review. Acesso em: 26 out. 2018.

MUXI, Zaida. A cidade próxima: o urbanismo sem gênero. *In*: MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. **Arquitetura e Política. Ensaios Para Mundos Alternativos**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014. cap. 5.

RUBINO, Silvana Barbosa. Editorial Dossiê Gênero e Espaço I. **URBANA**: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 1, out. 2016. ISSN 1982-0569. Disponível em: periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8647056. Acesso em: 25 ago. 2018. DOI: doi.org/10.20396/urbana.v7i2.8647056.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL ONDE ESTÃO AS MULHERES ARQUITETAS?, 2017, São Paulo. **Monolito**: Mulheres Arquitetas. São Paulo, Editora Monolito, 2017.

STRATIGAKOS, Despina. **Where Are the Women Architects?** 1. ed. New Jersey: Princeton University Press, 2016.

SYRACUSE Architecture. **Lori Brown**. Disponível em: soa.syr.edu/live/profiles/14-lori-brown. Acesso em: 10 nov. 2018

TORRE, Susana. **Fire Station Five**. Disponível em: www.susanatorre.net/architecture-and-design/making-room-for-women/fire-station-five. Acesso em: 12 nov. 2018.

TORRE, Susana. **Making room for women**. Disponível em: www.susanatorre.net/architecture-and-design/making-room-for-women. Acesso em: 12 nov. 2018.

TORRE, Susana. **Women in American Architecture**. Disponível em: www.susanatorre.net/architecture-and-design/making-room-for-women/women-in-american-architecture. Acesso em: 12 nov. 2018.

ALLTAGS — UND FRAUENGERECHTER WOHNBAU. Disponível em: www.wien.gv.at/stadtentwicklung/alltagundfrauen/wohnbau.html. Acesso em: 11 nov. 2018.

WEISMAN, Leslie Kanes. Diversity By Design: Feminist Reflections on The Future of Architectural Education and Practice. *In*: BROWN, Lori (Org.). **Feminist Practices**: Interdisciplinary Approaches to Women in Architecture. 1. ed. Nova York: Ashgate, 2011. cap. 2.

WIGLEY, Mark. Untitled: The Housing of Gender. *In*: COLOMINA, Beatriz (Org.). **Sexuality & Space**. New Jersey: Princeton Architectural Press, 1992. p. 327-389.

SOBRE AS AUTORAS

ALYSSA VOLPINI

alyssa.volpini@gmail.com

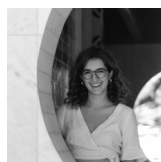
Alyssa Volpini é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (UnB).



ANA CAROLINA MEDEIROS

ana@ateliercavilha.com

Arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília, tem o gênero na arquitetura como principal área de interesse e pesquisa. Complementou sua formação acadêmica em cursos na Universidade de Groningen, na Holanda, e no Politecnico di Torino, na Itália. Atua profissionalmente nas áreas de arquitetura e *design* e é cofundadora do Atelier Cavilha.



CAROLINA PESCATORI

pescatori@unb.br

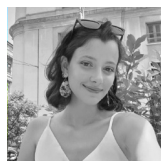
Arquiteta, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e pesquisadora do seu Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Doutora (UnB), mestre em Arquitetura da Paisagem (Pennsylvania State University–EUA). É coordenadora do grupo de pesquisa TOPOS — Paisagem, Projeto e Planejamento e pesquisadora do Amar.é.linha. Sua pesquisa problematiza o urbano do ponto de vista histórico e político.



JÚLIA BIANCHI

jbfbianchi@gmail.com

Júlia Bianchi é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



JÚLIA COUTINHO

arch.juliacoutinho@gmail.com

Júlia Coutinho é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU/UnB), com passagem pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Cursou Belas Artes em Portugal, na FBAUP, e hoje trabalha como arquiteta em Brasília, com foco em habitação contemporânea e conservação do patrimônio moderno.



JÚLIA MOREIRA

juliafmoreira3@gmail.com

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



LORRANY DA SILVA ARCANJO

lorranysarcanjo@gmail.com

Lorrany Arcanjo é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB) e integra o grupo do Amar.é.linha — Observatório de estudo feministas em arquitetura e urbanismo da FAU–UnB.



LUIZA REGO DIAS COELHO

lu.dias.coelho@gmail.com

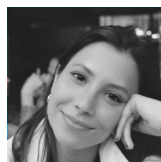
Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Brasília. É vice-presidente extraordinária de Ações Afirmativas e co-coordenadora da Comissão de Equidade de Gênero do Instituto de Arquitetos do Brasil. Cofundadora da Coletiva Arquitetas (in)Visíveis (2014). Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha — estudos feministas em Arquitetura e Urbanismo.



MAITÊ CAMPOS VIEIRA

maitecamposv@gmail.com

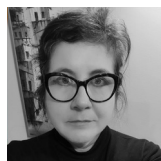
Maitê Campos Vieira, arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU UnB), tem passagem pela École Nationale Supérieure d'Architecture - Paris Malaquais, na França. Após o contato com Belas Artes e *Design* em Paris, atua hoje como *designer* gráfica e diretora de arte em Brasília.



MARIBEL ALIAGA FUENTES

arqmarialiaga@gmail.com

Arquiteta e urbanista pela Belas Artes de São Paulo, Mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pelo PROPAP - UFRGS, doutora em Teoria e História da Arquitetura pela UnB, professora adjunta da mesma instituição desde 2008. Feminista e Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha.



NÁDIA VILELA

nadiabtvilela@gmail.com

Nádia Vilela é jornalista e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



RICARDO TREVISAN

prof.trevisan@gmail.com

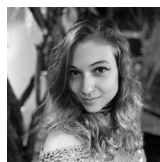
Professor associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), membro do grupo de pesquisa Topos — Paisagem, Projeto e Planejamento, da FAU-UnB, e da rede de pesquisadores do Laboratório de Experiências Urbanísticas (LEU). Coordenador da equipe da Cronologia do Pensamento Urbanístico na UnB. Pesquisador CNPq. Presidente da ANPARQ (2021–2022).



SARA CRISTINA ZAMPRONHA

sarazampronha@gmail.com

Sara Zampronha é mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Atualmente, pesquisa direito das mulheres à cidade, crítica feminista ao planejamento urbano, e métodos de participação ativa da população na elaboração e revisão de legislações urbanas.



SARAH GABRIELLE LUCENA SILVA

spls.sarahsilva@gmail.com

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília.



EDIÇÃO E REVISÃO

LUCAS CORREIA AGUIAR

correia.lucas@live.com

Lucas Correia Aguiar é mestre em linguística pela Universidade de Brasília, pela qual também é licenciado em letras. Atua como professor, consultor e revisor de língua portuguesa.



PROJETO GRÁFICO

ATELIER CAVILHA

oi@ateliercavilha.com

Atelier de arquitetura e design, criado por Ana e Filipe: duas mentes curiosas, inquietas e críticas, encantadas pelo ato de criar. Responsável pelo projeto gráfico e diagramação deste livro.



OBSERVATÓRIO
AMAR.
É.
LINHA.



O OBSERVATÓRIO Amar.é.linha foi criado em 2018 como um grupo de pesquisa voltado aos estudos feministas no campo da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, sob coordenação da professora Maribel Aliaga. Este livro é uma coletânea de projetos e pesquisas de alunas de graduação, resultados de Trabalhos Finais de Graduação, ensaios teóricos e pesquisas de iniciação científica, desenvolvidos no Observatório e o consolida como lugar de formação e incentivo a jovens pesquisadoras. Os textos aqui apresentados desenvolvem importantes leituras críticas a partir de uma sólida abordagem política da arquitetura, do urbanismo e do planejamento, enquanto alimentam a esperança de que as pesquisas feministas se consolidem, se espalhem e frutifiquem no Brasil, especialmente em tempos tão sombrios.

textos: luiza coelho **maribel aliaga** ana carolina medeiros
júlia moreira júlia coutinho **ricardo trevisan** maitê campos
sarah silva nácia vilela **lorrany arcanjo** júlia bianchi
sara zamprona alyssa volpini

organização: maribel aliaga **carolina pescatori**

